

A ORALIDADE EM “GOD BLESS AMERICA!”, DE URBANO TAVARES RODRIGUES

SANDRA HELENA TERCIOTTI

Segundo Dino Preti, “a língua literária, de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, não perdeu sua ligação com a realidade falada”¹, como nos dá testemunho a obra do teatrólogo quinhentista português Gil Vicente, cuja peça de estréia - “Monólogo do Vaqueiro”, também chamado “Auto da visitação” (1502) - é coincidentemente citada no conto “God Bless America!”, de Urbano Tavares Rodrigues, e constitui a primeira indicação de que o narrador-protagonista do conto é, tal qual seu autor, um cidadão português do qual nada saberemos até chegarmos às páginas 32 e 42 nas quais, respectivamente, descobriremos tratar-se de um ator (“Também para um ator desempregado como ele [...]”²) chamado Sílvio (“- Não te tortures, Sílvio – insiste Amina.”³).

Ingedore Villaça Koch também afirma que “existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional”⁴. É justamente o que ocorre nessa narrativa de Urbano Tavares Rodrigues, sobretudo se a compararmos às outras obras desse escritor, considerado um dos mais prolíferos da literatura portuguesa contemporânea, com mais de trinta e cinco títulos publicados até o momento, alguns dos quais traduzidos parcial ou integralmente para mais de quatorze idiomas.

A presença da oralidade em “God Bless America!” aumenta a intenção comunicativa com o leitor, transformado-o no interlocutor eleito pelo narrador-protagonista, como prova o uso da expressão “pasmese”:

[...] Adorava a poesia e recitava compulsivamente os seus versos preferidos, que eram muitos e iam de Petrarca a Leopardi, a Ungaretti e não se ficavam pelo italiano, pois sabia igualmente de cor Neruda e Éluard, Lorca e Machado, César Vallejo e até, pasme-se, Eliot e Auden. (p. 27) (grifo nosso)

Convidado pelo narrador-protagonista a participar do jogo, o leitor, por sua vez, exercita sua capacidade de reflexão e questionamento sobre os fatos que estão sendo narrados.

Outra característica da língua falada, o “envolvimento”, é conseguida por meio da escolha do foco narrativo de primeira pessoa (do singular e do plural), o qual, além de aumentar a verossimilhança e a intensidade do enredo, diminui a distância entre locutor e alocutário:

¹ PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis da fala**. São Paulo: Editora Nacional, 1987, p. 61.

² RODRIGUES, Urbano Tavares. **God Bless America!**. Mem Martins: Europa-América, 2003, p. 32.

³ *Ibid.*, p. 42.

⁴ KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 61.

Vim-me embora (e estou a correr outros riscos, não o ignoro) porque comecei a pensar no destino que eles dão, os americanos, aos estrangeiros que capturam, mesmo que sejam apenas escudos humanos. (p.10)

Admirámos a dignidade dessa gente, a sua identificação com o rancor aos invasores que todo o povo manifesta. (p. 47)

A fixação de alguns aspectos da fala no conto de Urbano dá-se nos campos lexical e sintático.

No campo lexical, Urbano faz uso de palavras e expressões escatológicas, pertencentes ao registo coloquial, e dos marcadores conversacionais simples (que se realiza com uma só palavra) “claro” e “pronto”, este último tão freqüente na fala dos portugueses como o “assim” o é na dos brasileiros atualmente:

[...] as macas mijadas, no chão, os corredores de insónia sem fim, os espaços de vidro estilhaçado, crivado de ventos e venenos queimados. [...] Flores de merda nas camas. A dor anestesiada fede, suja as mesas, as paredes dos sanitários. (p. 48) (grifos nossos)

[...] os que ensurdecem no apogeu das deflagrações, os que se cagam vergonhosamente quando as paredes próximas parecem desabar, e os que atravessam, incólumes, as fogueiras. É muito duro esperar sempre o pior. (p. 54-57)

E, pronto, juntámo-nos a ele, eu agora quase como um autómato. Desde que fosse com a Amina. (p. 57)

Vale lembrar que um marcador conversacional como o “pronto” substitui, em certa medida, o papel da pontuação na fala.

Também no campo lexical encontramos o uso de um brasileirismo no emprego do vocábulo “gozar” com a acepção de “rir do ato de alguém”, modismo próprio da linguagem dos brasileiros:

[...] Mas, em meio dessa candura, ele é a bondade e a valentia em pessoa. Gozávamos com ele. (p.15)

No campo sintático, notamos que o autor faz uso da definitivização, ou seja, do emprego do artigo definido antes dos nomes próprios, o que indica familiaridade e pouca formalidade tanto em relação ao dono do nome precedido desse artigo, quanto em relação ao interlocutor do narrador-protagonista (no caso o leitor), como se ambos, narrador e leitor, conhecessem a Amina, o Gianmaria e o José Afrânio:

Se a Amina não fosse o que é, a jornalista argelina que só pode sê-lo em Paris, onde vive e onde luta pela dignidade de todas as mulheres, muçulmanas e cristãs, se ela não tivesse este espírito de aventura que a empurra para as situações extremas, irmã que é do perigo e da solidariedade, creio que nunca teria reparado nela. (p. 15-16)

Ainda no campo sintático, notamos a presença de outras duas características do texto falado, a saber: a repetição (uma das atividades de formulação mais presentes na oralidade) e as perguntas retóricas, perguntas essas que, segundo Ingedore Villaça Koch, têm “a função interacional de

despertar ou manter o interesse do parceiro e/ou criar uma atmosfera de intimidade ou cumplicidade”⁵:

Não foi, claro que não foi, o medo dos bombardeamentos que me obrigou a fugir, a isso já eu estava habituado, a ver os prédios rebentarem e caírem, entre labaredas e grigos, ou a ver a podridão dos cadáveres, a hipnose do horror noutras casas, e a escutar o choro das ruas e dos jardins sem luz, a redescobrir a cidade em farrapos, os cafetãs da pobreza à entrada e à saída dos refúgios, os mortos alinhados nos passeios, depois sepultados à pressa e mal junto dos hospitais. (p. 9-10)

[...] Uma onda branca, branca, até ser brasa, cobrindo esta maré de vida. (p. 32)

Há três dias ainda eu jantava um chiskebab com a Amina, o José Afrânio e o Gianmaria, entre os estrondos e a fumarada, provocados pela queda regular dos mísseis perto do restaurante que resistia a tudo, como é que se chama?, é isso, Villa d’Este, um nome inconcebível em tal situação. (p. 12)

[...] As enfermarias estão cheias de agonizantes e de manchas de sangue, massas escarlates nos baldes. Guelras?, órgãos humanos? (p. 48)

Além do interesse e da cumplicidade que despertam no leitor, as perguntas retóricas têm um caráter didático e persuasivo que acentua no interlocutor do narrador-protagonista (o leitor) a capacidade de refletir sobre as “molas reais da invasão” do Iraque pelas tropas norte-americanas, as quais são explicitadas pelo narrador-protagonista:

[...] das molas reais da invasão deste país, da crise do capitalismo neo-liberal e do delírio belicista que empurrou o Bush para esta guerra, para o controlo e domínio do petróleo, a fonte número um da energia e da riqueza. (p. 15)

Outra marca da língua falada, o implícito, também aparece no conto de Urbano, como podemos notar no excerto abaixo:

[...] Lá se encontram, garantiram-me, escudos humanos, pacifistas como eu, ao lado dos talibã e dos terroristas estrangeiros, dizem eles que são da Al Qaeda. (p. 11)

Quando o narrador-protagonista afirma “dizem eles que são da Al Qaeda”, ele estabelece com seu interlocutor (o leitor) uma conversação artificial na qual, apesar de não haver troca de falantes (uma das características fundamentais do texto falado), o falante está implícito.

Expressões de situação, comuns na língua oral, como as conjunções coordenativas “e” e “mas” aparecem frequentemente. Segundo Lygia Corrêa Dias de Moraes, em seu artigo “A sintaxe na língua falada”⁶, o “e” e o “mas” são conjunções muito utilizadas na função de marcador conversacional: aquela “caracterizando-se apenas pelo traço semântico de adição”⁷ e esta desempenhando funções de “elemento de conexão por coordenação entre as partes do texto

⁵ *Ibid.*, p. 67.

⁶ MORAES, Lygia Corrêa Dias de. A sintaxe na língua falada. In: PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. FFLCH/USP, 1995, p. 184-186.

⁷ *Ibid.*, p. 184.

conversacional” ou de “introdutor de argumentos que seguem direção diferente da anterior no texto”⁸:

Fala candidamente com as pessoas, traduz-lhes pelo menos o sentido dos poemas que diz ou que lê. E quase todos gostam do Gianmaria. (p. 28)

[...] Também, para um actor desempregado como ele, quase sem amigos e sem parentes, não é assim tão necessário o telemóvel. E comprar outro ali não é fácil. (p. 32)

[...] Dói muito ver um menino sem mãos e que nem solta um ai. Possivelmente perdeu a fala. Tem os olhos entreabertos. Mas fixa o chão, por onde vagueiam ratos e grandes insectos. (p. 42)

Mas não é só a morte que fala comigo. Tenho um companheiro, bem desagradável, com quem evito conversar: o meu outro eu, aquele que teimava em permanecer em Bagdade, fossem quais fossem os riscos e consequências. (p. 9)

Segundo Dino Preti, a “linguagem de todos os dias nem sempre pressupõe uma articulação mais cuidada ou uma análise mais precisa da realidade, o que se comprova, entre outras razões, pela própria ausência (ou pequena frequência) de subordinação.”⁹ Por essa razão, há uma grande incidência de orações simples, de coordenadas e de nominalizações (frases nominais) no conto de Urbano, as quais revelam a pressa habitual de transmitir pensamentos que caracteriza a língua falada:

Passa a hora púrpura ou roxa do exuberante poente árabe, festa deslocada, quase irritante beleza. (p. 33)

[...] O “café” desapareceu. Abrem-se crateras no pavimento das avenidas. Amina abraça a cintura dele e grita. O escudo humano não entende já quem é nem o que faz ali. (p. 34)

[...] O agouro dos abutres. E a angústia. (p. 6-9)

No entanto, em oposição à presença da oralidade (menor densidade lexical), encontramos no conto de Urbano vários vocábulos pertencentes à norma culta (maior densidade lexical), tais como “trânsfugas” (desertor), “alcantilada” (despenhadeiro), “ajoujados” (curvados ao peso de uma carga), “inquinado” (poluído), “hiantes” (esfomeados), “mediaticamente” (transmitido pela mídia), a par de uma linguagem poética com figuras tais como oxímoro (imunda beleza), aliteração (veludo verde), assonância (árvores do alvorecer) e com rima interna (mortos ainda mornos), marcas da conversação artificial criada pelo autor que se encontra por trás do indivíduo cuja linguagem está reproduzindo. Vale ressaltar que essa poeticidade da linguagem constitui uma das principais características da obra de Urbano, animada, via de regra, por um estilo pleno de originalidade expressiva.

⁸ *Ibid.*, p. 186.

⁹ PRETI, *op. cit.*, p. 71.

Essa mistura de registros (informal e formal), de diálogos (discurso direto, indireto, indireto livre e monólogo interior) e de pontos de vista (narrador em primeira e terceira pessoa) mimetiza o caos interior do narrador-protagonista – o qual dialoga com a morte (“Mas não é só a morte que fala comigo.”¹⁰), com seu outro eu (“Tenho um companheiro, bem desagradável, com quem evito conversar: meu outro eu [...]”¹¹) e com o leitor -, e o caos exterior representado pela guerra.

Em “God Bless America!”, Urbano Tavares Rodrigues torna evidente não só uma premente intenção comunicativa com o leitor, mas também uma admirável capacidade de renovar-se a cada nova obra, pondo-se a par de coisas novas seja no tema, seja na técnica narrativa, seja na linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1999.
- FÁVERO, Leonor Lopes *et alii*. *Oralidade e escrita*. São Paulo: Cortez, 1999.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MORAES, Lygia Corrêa Dias de. A sintaxe na língua falada, *In*: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. FFLCH/USP, 1995.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.
- RODRIGUES, Urbano Tavares. *God Bless America!*. Mem Martins: Europa-América, 2003.

¹⁰ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 9.

¹¹ *Ibid.*, p. 9.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.